



A condição humana no século XVIII: uma análise comparativa entre Voltaire e Luís Maria Grignion de Montfort¹

 <https://doi.org/10.47236/2594-7036.2026.v10.2109>

João Oliveira Ramos Neto²
Thyago Ferreira da Costa³

Data de submissão concluída: 30/3/2026. Data de aprovação: 15/6/2026. Data de publicação: 6/7/2026.

Resumo – Este artigo analisa a concepção de ser humano presente nas obras de Voltaire e de Luís Maria Grignion de Montfort, dois autores contemporâneos do século XVIII francês que representam perspectivas intelectuais opostas: o Iluminismo e a tradição católica. A pesquisa parte do contexto histórico do Antigo Regime, marcado por tensões sociais, políticas e religiosas, intensificadas pelas críticas iluministas à Igreja e à monarquia absolutista. A partir da obra *Cândido*, de Voltaire, identifica-se uma visão não essencialista do ser humano, compreendido como um ser moldado pela experiência, pela dor e pelas circunstâncias históricas, cuja resposta ética se baseia na ação prática e na responsabilidade individual. Em contraste, a análise do *Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem*, de Montfort, revela uma perspectiva teológica e essencialista, na qual o ser humano é visto como criatura dependente da graça divina, marcada pelo pecado e orientada à salvação por meio da devoção e da mediação mariana. Por fim, o estudo demonstra que, apesar das diferenças, ambos os autores reconhecem a fragilidade humana e propõem caminhos distintos para lidar com o sofrimento e a condição existencial: a ação racional e concreta, em Voltaire, e a fé e a submissão à vontade divina, em Montfort.

Palavras-chave: Condição humana. Igreja Católica. Iluminismo. Montfort. Século XVIII.

The human condition in the eighteenth century: a comparative analysis between Voltaire and Louis-Marie Grignion de Montfort

Abstract – This article analyzes the concept of the human being in the works of Voltaire and Louis-Marie Grignion de Montfort, two contemporary authors of 18th-century France who represent opposing intellectual perspectives: the Enlightenment and the Catholic tradition. The study is grounded in the historical context of the *Ancien Régime*, marked by social, political, and religious tensions intensified by Enlightenment critiques of the Church and absolute monarchy. Based on Voltaire's *Candide*, the analysis identifies a non-essentialist view of the human being, understood as shaped by experience, suffering, and historical circumstances, whose ethical response relies on practical action and individual responsibility. In contrast, the examination of Montfort's *Treatise on True Devotion to the Blessed Virgin* reveals a theological and essentialist perspective, in which the human being is seen as a creature dependent on

¹ Pesquisa de Iniciação Científica desenvolvida no Instituto Federal de Goiás com bolsa do CNPq.

² Doutor em História pela Universidade Federal de Goiás. Professor de História do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do *Campus* Valparaíso, do Instituto Federal de Goiás. Valparaíso, Goiás, Brasil.

joao.neto1@ifg.edu.br

 <https://orcid.org/0000-0002-0564-0141>

<http://lattes.cnpq.br/6427938680486263>

³ Bolsista de iniciação científica do CNPq. Estudante do curso Técnico em Automação integrado ao Ensino Médio do *Campus* Valparaíso, do Instituto Federal de Goiás. Valparaíso, Goiás, Brasil.

thyago.f@estudantes.ifg.edu.br

 <https://orcid.org/0009-0001-0693-2701>

<http://lattes.cnpq.br/8216695277639562>

divine grace, marked by sin and oriented toward salvation through devotion and Marian mediation. Finally, the study demonstrates that, despite their differences, both authors recognize human fragility and propose distinct ways of addressing suffering and the human condition: rational and practical action in Voltaire, and faith and submission to divine will in Montfort.

Keywords: Catholic Church. Enlightenment. Human condition. Montfort. XVIII century.

La condición humana en el siglo XVIII: un análisis comparativo entre Voltaire y Luis María Grignon de Montfort

Resumen – Este artículo analiza la concepción de ser humano en las obras de Voltaire y de Luis María Grignon de Montfort, dos autores contemporáneos del siglo XVIII francés que representan perspectivas intelectuales opuestas: el Iluminismo y la tradición católica. La investigación parte del contexto histórico del Antiguo Régimen, marcado por tensiones sociales, políticas y religiosas, intensificadas por las críticas iluministas a la Iglesia y a la monarquía absolutista. A partir de la obra *Cándido*, de Voltaire, se identifica una visión no esencialista del ser humano, entendido como un ser moldeado por la experiencia, por el dolor y por las circunstancias históricas, cuya respuesta ética se basa en la acción práctica y la responsabilidad individual. En contraste, el análisis del Tratado de la verdadera devoción a la Santísima Virgen, de Montfort, revela una perspectiva teológica y esencialista, en la cual el ser humano es visto como una criatura dependiente de la gracia divina, marcada por el pecado y orientada a la salvación por medio de la devoción y la mediación y de la mediación mariana. Por fin, el estudio demuestra que, a pesar de sus diferencias, ambos autores reconocen la fragilidad humana y proponen caminos distintos para enfrentar el sufrimiento y la condición existencial: la acción racional y concreta, en Voltaire, y la fe y la sumisión a la voluntad divina, en Montfort.

Palabras clave: Condición humana. Iglesia Católica. Iluminismo. Montfort. Siglo XVIII.

Introdução

O século XVIII foi um período de grande mudança para a França, com o predomínio da monarquia absolutista, a expansão cultural e as guerras que redefiniram o equilíbrio de poder na Europa. Na França, o século XIII foi marcado pelo reinado de Luís XIV, que viveu entre 1638 e 1715 e governou entre 1643 até a sua morte. Luís XIV levou o absolutismo a novos patamares. Luís tinha total controle do país e era muitas vezes considerado o epítome da monarquia absoluta.

Já a sociedade estava dividida com os Três Estados, sendo o clero, a nobreza e o povo, este último composto por camponeses e pequenos burgueses. Essa conjuntura durou até a Revolução Francesa, 1789-1799, que teve como base as ideias do Iluminismo, quando o clero perdeu grande força política. A burguesia se tornou um grupo crescente durante o absolutismo e passou a acumular grandes riquezas através do comércio e, posteriormente, da indústria. Todavia, quando se tratava de poder político, a burguesia não era ouvida e ressentia-se dos privilégios da nobreza. A monarquia também passava por uma crescente crise de legitimidade, com a nobreza sempre buscando manter seus privilégios, e a burguesia exigindo reformas.

O Iluminismo francês, no século XVIII, por sua vez, foi um movimento intelectual que valorizou a razão, a liberdade e a ciência, foi a corrente de pensamento dominante entre os principais filósofos europeus do século XVIII, que acreditava que o uso da razão poderia iluminar a sociedade. O Iluminismo criticava o Antigo Regime,

influenciando a Revolução Francesa (1789-1799) e a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (1789), com pensadores como Voltaire (1694-1778), Montesquieu (1689-1755) e Rousseau (1712-1778).

No século XVIII, a Igreja Católica ocupava posição central na organização política e social da França. Além de sua função religiosa, era uma das instituições fundamentais do Antigo Regime, possuindo privilégios jurídicos, influência cultural e participação ativa na legitimação da monarquia. Essa posição, entretanto, passou a ser crescentemente questionada por setores influenciados pelo Iluminismo, que criticavam a intolerância religiosa, os privilégios corporativos e a estreita relação entre Igreja e Estado.

As críticas iluministas não significaram uma rejeição uniforme da religião, mas estimularam debates sobre a autoridade eclesiástica, a liberdade de consciência e o papel da razão na vida humana. Tais debates intensificaram tensões já existentes no interior da própria sociedade francesa e contribuíram para a formação de um ambiente intelectual marcado pelo confronto entre diferentes concepções de homem, sociedade e salvação. A Revolução Francesa radicalizou parte dessas disputas ao redefinir as relações entre poder político e religião, mas suas origens remontam ao contexto intelectual e religioso do século XVIII, período em que viveram tanto Voltaire quanto Luís Maria Grignon de Montfort.

François-Marie Arouet, mais conhecido pelo pseudônimo Voltaire (1694-1778), foi uma figura central do pensamento francês no século XVIII. Sua vasta produção, que incluiu peças de teatro, poemas, ensaios e romances, é marcada por um estilo satírico e provocador, através do qual ele criticava a intolerância religiosa, o absolutismo monárquico e as injustiças sociais. Ele defendia a liberdade de expressão, a tolerância religiosa e a separação entre Igreja e Estado. Suas ideias, que refletiam os princípios iluministas de razão e progresso, tiveram um impacto significativo na Revolução Francesa e na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão.

A importância de Voltaire vai além de sua produção literária; ele também foi um defensor da razão e da justiça em um período de obscurantismo e opressão. Sua obra permanece relevante hoje, inspirando a luta por um mundo mais livre, tolerante e igualitário. Uma das obras mais famosas de Voltaire foi *Cândido*, que critica o otimismo filosófico através da jornada do personagem Cândido, o qual enfrenta inúmeras desgraças ao longo da vida. A obra satiriza a sociedade, expõe a hipocrisia e a crueldade do mundo, e questiona a ideia de que tudo acontece para o melhor. No final, a mensagem é que a felicidade se encontra no trabalho e nas relações humanas. Já do outro lado, São Luís Maria Grignon de Montfort (1673-1716), um homem de profunda fé católica e devoção, que dedicou sua vida à pregação e à promoção da devoção à Virgem Maria.

Montfort, que também produziu vasta literatura, viajou por diversas regiões da França, realizando missões populares e pregando mensagens de fé. Ele acreditava que a Virgem Maria era a mãe espiritual de todos os cristãos e que, através dela, os cristãos poderiam chegar a Jesus Cristo. Sua devoção à Virgem Maria era tão profunda que ele desenvolveu a doutrina católica da *verdadeira devoção a Maria*, que enfatiza a importância da devoção mariana na vida cristã.

Atualmente, conforme vemos na Carta Apostólica *Rosarium Virginis Mariae* (2002), São Luís Maria Grignon de Montfort é considerado um dos principais defensores da mariologia e é venerado como um santo pela Igreja Católica. Sua festa litúrgica é celebrada em 28 de abril, e sua vida e obra continuam influenciar católicos em todo o mundo. Já sua obra, *O Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima*

Virgem, propõe uma consagração total a Maria, chamada de "escravidão de amor", como caminho para uma união mais profunda com Jesus Cristo. O livro destaca Maria como modelo de santidade, intercessora poderosa e caminho seguro para Deus, enfatizando a importância da humildade e o papel único de Maria na Igreja.

Embora Voltaire e Luís Maria Grignon de Montfort pertençam ao contexto do século XVIII, muitas das questões presentes em suas obras permanecem relevantes no mundo contemporâneo. Os debates acerca da relação entre razão e fé, autonomia individual e dependência de valores transcendentais, bem como as diferentes respostas oferecidas ao problema do sofrimento humano, continuam presentes em discussões filosóficas, religiosas e políticas atuais. Em um contexto marcado pela pluralidade de visões de mundo e pela coexistência entre perspectivas secularizadas e religiosas, a comparação entre esses dois autores permite compreender a permanência de problemas fundamentais relacionados à condição humana e aos modos pelos quais os indivíduos atribuem sentido à existência.

Essa é, por exemplo, a discussão feita por Brandão Et Al, (2025), quando afirma, por exemplo, que “a filosofia oferece uma abordagem fundamental para compreendermos a religiosidade na pós-modernidade” (Brandão Et Al, 2025, p. 1123), destacando que “enquanto a modernidade buscou substituir o transcendente por projetos seculares, como a razão iluminista e o progresso científico, a pós-modernidade dissolve essas certezas” (Brandão Et Al, 2025, p. 1123).

Assim, a relevância dessa discussão ultrapassa os limites do século XVIII. Em sociedades contemporâneas marcadas pelo pluralismo religioso e pela secularização, as questões levantadas por Voltaire e Montfort permanecem atuais. Charles Taylor (2010), por exemplo, argumenta que a modernidade não eliminou a religião, mas criou um contexto no qual múltiplas formas de compreender a existência coexistem e disputam legitimidade. Nesse cenário, a tensão entre uma visão fundamentada na autonomia humana e outra baseada na transcendência continua a influenciar debates sobre moralidade, identidade e sentido da vida. De modo semelhante, Zygmunt Bauman (2001), observa que a modernidade produziu formas crescentes de incerteza e fragilidade existencial, levando os indivíduos a buscarem diferentes referências para orientar suas vidas. Assim, as respostas oferecidas por Voltaire e Montfort ao problema da condição humana permitem compreender não apenas as disputas intelectuais do século XVIII, mas também dilemas que continuam presentes nas sociedades contemporâneas.

Embora *Cândido* e o *Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem* pertençam a gêneros textuais distintos, sendo o primeiro uma narrativa literária de caráter satírico e filosófico, e o segundo um tratado teológico-devocional, ambos foram analisados como expressões de concepções antropológicas produzidas no mesmo contexto histórico. O objetivo deste estudo não consiste em comparar suas formas literárias ou seus recursos discursivos, mas identificar as diferentes respostas oferecidas por seus autores à questão da condição humana. Assim, a comparação fundamenta-se no problema investigado e não na natureza formal das obras, tomando-as como documentos intelectuais representativos de tradições de pensamento distintas presentes na França do século XVIII.

Diante disso, surgiu a pergunta que orientou nossa pesquisa de iniciação científica, financiada pelo CNPq, no Instituto Federal de Goiás: como as visões de dois pensadores contemporâneos – Voltaire, um crítico feroz da Igreja e do absolutismo, e São Luís Maria Grignon de Montfort, um fervoroso defensor da Igreja e da devoção mariana – refletem as tensões religiosas e sociais do século XVIII? Ao aprofundarmos a pesquisa, estabelecemos um recorte ainda mais específico: como cada um dos dois

autores contemporâneos no tempo (século XVIII) e no mesmo lugar (França) – Voltaire e Montfort – respondem à pergunta “O que é o ser humano?”.

Discussão

Na obra *Cândido*, Voltaire apresenta uma crítica ao otimismo metafísico através do personagem Pangloss. Pangloss, ou mestre Pangloss, é descrito na obra como um homem muito sábio, contratado por um barão para lecionar no castelo. Pangloss possuía a ideia de que o mundo seria “o melhor dos mundos possíveis”. Durante todo o tempo, Pangloss reafirma sua teoria de que, independentemente de tudo que aconteça, estaremos no melhor dos mundos possíveis. Esse otimismo descrito por Voltaire pode se enquadrar como um otimismo de matriz Leibniziana. Leibniz (1646-1716) foi um filósofo e matemático alemão. Ele entendia o otimismo como a percepção segundo a qual a realidade é boa por sua própria natureza, que o bem sempre estaria acima do mal. Leibniz é considerado o principal adepto dessa tendência.

Leibniz afirmava que “este Mundo é o melhor dos Mundos possíveis”, ou seja, entre uma infinidade de mundos possíveis, há o melhor de todos, caso contrário, Deus não o teria criado (Leibniz, 2023). Em suma, a filosofia Leibniziana busca justificar racionalmente o sofrimento humano como parte de uma ordem perfeita, ignorando a experiência concreta da dor. Pangloss, ao longo da história, é submetido a diversas situações que contradizem essa perspectiva filosófica.

No início da história, Pangloss ocupa uma posição elevada no castelo, lecionando no castelo e vivendo junto ao barão, onde, segundo o mesmo, estaria no melhor dos mundos possíveis: “Pangloss ensinava metafísico-teólogo-cosmolonigologia. Provava de modo admirável que não há efeito sem causa e que, neste que é o melhor dos mundos possíveis.” (Voltaire, 2003, p. 13). Conforme a narrativa se desenvolve, o reencontramos em uma situação completamente oposta, dessa vez como um mendigo pedindo esmola nas ruas da Holanda: “No dia seguinte, ao passear encontrou com um mendigo coberto de pústulas, os olhos sem vida, a ponta do nariz carcomida, a boca torta, os dentes pretos (Voltaire, 2003, p. 18 e 19). O personagem, então, nos conta que o castelo foi destruído e ele ainda contraiu uma doença por ter relações sexuais de forma imprudente (Voltaire, 2003, p. 20). Mesmo após todas as situações ruins na vida, Pangloss continua falando que “O mundo é o melhor dos mundos possíveis”. Ele segue vivendo e, por fim, é acusado de heresia por defender sua própria filosofia, e é enforcado em um auto de fé: “Os dois homens que não haviam querido comer a gordura foram queimados, e Pangloss foi enforcado, embora não fosse esse o costume.” (Voltaire, 2003, p. 24). Apesar de enforcado, sobrevive milagrosamente e permanece defendendo sua filosofia. Voltaire utilizou de Pangloss para ironizar tal otimismo que ele sempre criticou abertamente.

Na narrativa, conhecemos o personagem Cândido. Cândido é o personagem principal da narrativa, ele é apresentado como um homem extremamente bondoso e gentil, um garoto que vive no castelo do barão e também é aprendiz e convicto na filosofia do mestre Pangloss: “o pequeno Cândido escutava suas lições com toda boa fé de sua idade e seu caráter.” (Voltaire, 2003, p. 13). Cândido se apaixona pela filha do Barão e, após um incidente, Cândido é expulso do castelo. Ao ser expulso, Cândido, por somente ter vivido no castelo, e não conhecer o mundo da forma que é, sofre muito por adversidades como a guerra, escravidão, perseguições religiosas e catástrofes naturais. Cândido, antes de tais acontecimentos, não conhecia o mundo, e foi acreditando que tudo seria muito bom, pois acreditava na filosofia de Pangloss. Todavia, após os episódios, Cândido, muitas vezes, se encontrou duvidando da filosofia de Pangloss e se o seu mestre realmente estava certo. Cândido

foi criado como um personagem inocente e forçado a amadurecer por culpa das malícias do mundo: “Se este é o melhor dos mundos possíveis, o que será dos outros?” (Voltaire, 2003, p. 24). Muitas vezes, *Cândido* também era usado como uma forma de Voltaire ironizar a filosofia de Leibniz. Tudo isso demonstra o que é o ser humano para Voltaire, alguém inocente, frágil, limitado e facilmente manipulável. Além dessa primeira percepção, ao longo da obra, Voltaire também utiliza dos fatores para realizar críticas importantes à sociedade, como a crítica ao militarismo (Voltaire, 2003, p. 18) e nacionalismo brutal: “Os canhões derrubaram cerca de seis mil homens de cada lado; enquanto os dois monarcas mandavam cantar *Te Deum*, cada qual em seu campo de batalha” (Voltaire, 2003, p. 17), onde, o canto *Te Deum*, na época era cantado para celebrações importantes, neste caso, a vitória. Voltaire também criticava fortemente a religião e como ela é utilizada para justificar a violência: “Depois do terremoto que havia destruído três quartas partes de Lisboa, os sábios do país não encontravam meio mais eficaz para prevenir uma ruína total que dar ao povo um belo auto-de-fé.” (Voltaire, 2003, 18 e 24) e, principalmente, a ideia de o mundo é o “melhor dos mundos possíveis”.

Voltaire não concebe o homem como naturalmente bom, nem como essencialmente mau. Na obra *Cândido*, a violência, a crueldade, a compaixão e a solidariedade aparecem como possibilidades já inscritas na condição humana: “*Cândido* se sentia sem coragem, mas acompanhou a velha até um casebre. Ela lhe deu um pote de pomada para passar no corpo, deixando-lhe também comida e bebida.” (Voltaire, 2003, p. 25 e 56). Esses comportamentos não são criados pela sociedade, somente podem ser amplificados por ela. Guerras, fanatismos religiosos, desigualdades sociais e abuso de poder, ao longo da obra, revelam como a sociedade e a política potencializam ações humanas negativas, sem que isso signifique que o homem seja determinado por uma natureza fixa: “devemos cultivar nosso terreno.” (Voltaire, 2003, p. 95).

Voltaire se distancia de concepções essencialistas do ser humano, sendo diferente da concepção de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), que defende que o homem nasce bom, mas a sociedade o corrompe. O homem, em *Cândido*, não é definido por essência fixa e imutável, mas pelas experiências que tem ao longo da vida. Os personagens são constantemente transformados pelo sofrimento, pelas perdas e pelos deslocamentos que enfrentam, o que demonstra a condição humana sendo moldada pela realidade, e não por natureza previamente determinada. Desta forma, Voltaire nos apresenta um ser humano capaz, tanto da violência, quanto da compaixão, dependendo das circunstâncias em que se encontra.

A obra de Voltaire conclui com a frase “é preciso cultivar o nosso jardim”, que sintetiza de maneira clara a resposta do autor para a condição humana apresentada ao longo de *Cândido*. Com essa afirmação, Voltaire expressa a ideia de que não existe uma possibilidade real de compreender plenamente o sentido da vida ou explicar racionalmente o funcionamento do mundo, especialmente diante do sofrimento, das injustiças e das tragédias humanas. Para o autor, as tentativas filosóficas de justificar o mal, como o otimismo metafísico defendido por Pangloss, revelam-se insuficientes e até absurdas quando confrontadas com a experiência concreta da dor. Diante disso, Voltaire afirma que não resta ao homem outra alternativa senão agir com os meios que possui, concentrando-se naquilo que está ao seu alcance. Assim, o único caminho possível é trabalhar, agir e seguir em frente, mesmo diante das adversidades, sem se prender a explicações abstratas que não resolvem os problemas reais da existência.

Dessa forma, Voltaire propõe uma ética baseada na ação e na responsabilidade individual, afastando-se de sistemas filosóficos fechados e de

explicações metafísicas que prometem sentido, mas não oferecem soluções práticas. A expressão “cultivar o próprio jardim” simboliza a necessidade de o ser humano assumir sua própria vida, dedicar-se ao trabalho, à ação concreta e às responsabilidades do cotidiano. Cultivar o jardim significa agir de maneira prática, cuidar do que está próximo, melhorar a realidade possível e seguir em frente apesar das dificuldades, fracassos e sofrimentos inevitáveis da vida. Nesse sentido, o trabalho e a ação tornam-se formas de resistência contra o sofrimento e contra o vazio, permitindo ao homem encontrar um sentido possível na experiência diária. Dessa maneira, *Cândido* apresenta uma visão crítica e humanista da condição humana, fundamentada na experiência, na lucidez diante da realidade e na valorização da ação prática como resposta ao absurdo e às incertezas do mundo.

Em contraste com as ideias de Voltaire, Luís Maria Grignon de Montfort (1673-1716) apresenta uma compreensão do ser humano fundada em uma perspectiva essencialista e teológica, que segue o Magistério da Igreja, a Tradição católica e, sobretudo, no pensamento de Santo Agostinho de Hipona (354-430), além de uma forte influência bíblica. Diferentemente de Voltaire, que rejeita a ideia de uma única e fixa essência do ser humano, e defende que a experiência histórica e social seja a definidora do homem, para Montfort, o ser humano é uma criatura pecadora e a bondade plena é exclusivamente de Deus, sendo o ser humano dependente de Deus. Sobre isso, inclusive, Prado (2020) nos lembra que a filosofia após Sócrates passou a enfatizar o homem (Prado, 2020, p. 2) e que, para Aristóteles, a filosofia é divina, afinal, “o filósofo é movido pelo desejo de observar, contemplar, julgar e avaliar as coisas, as ações e a vida” (Prado, 2020, p. 2).

Assim, para Montfort, o ser humano é essencialmente pecador e dependente da redenção e graça de Deus, incapaz de alcançar a salvação sozinho. Para ele, a ação humana separada da graça divina não está direcionada ao bem verdadeiro, mas ao orgulho humano, à ilusão de autonomia e ao afastamento de Deus. É somente através da graça, concedida por Deus, que o homem pode ser restaurado, ordenado interiormente e conduzido a salvação. Nesse sentido, Montfort segue a tradição de Agostinho.

Através do Livro *Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem*, Luís Maria Grignon de Montfort defende que o ser humano foi criado para Deus e que sua vida só encontra sentido pleno quando está voltada para o criador. Segundo Montfort, desde a criação, o homem foi pensado para viver em Deus e depender dele para alcançar o verdadeiro bem. No entanto, essa relação pode ser rompida quando o ser humano se deixa levar pelo orgulho, pela soberba e pela ideia de que pode se salvar sozinho, o que o leva a pensar em uma ideia de autonomia espiritual. Para Montfort, essa autossuficiência espiritual é uma das maiores causas do afastamento do homem de Deus, pois faz com que ele se coloque no centro de sua própria vida, ignorando sua condição de criatura dependente da graça. Deste modo, o principal problema do homem, na perspectiva de Montfort, não são os sofrimentos, dores ou as dificuldades da vida, mas a recusa em aceitar que depende totalmente de Deus para viver bem e alcançar a salvação.

Segundo Santo Agostinho de Hipona (2021), o livre arbítrio é uma graça de Deus dada ao homem, mesmo que o homem o utilize erroneamente. Com isso, Montfort complementa que Deus será o pai e advogado de uns, o justo vingador para outros, mas, acima de tudo, será o juiz de todos. Ou seja, de acordo com Montfort, independentemente do que o homem decidir para sua vida, a mão de Deus será justa para com todos. Tal perspectiva indica que todos que decidiram, com seu livre arbítrio, seguir a vontade de Deus, serão salvos, enquanto que aqueles que se recusaram a

ter Deus por pai serão condenados. Segundo o autor francês, aqueles também que, por decisão própria, decidirem estar com Deus, mas atacarem a virgem Maria, ou não estiverem com Maria, também estarão longe de Deus e serão comparados a todos aqueles seres humanos que cometeram crimes e não foram boas pessoas em vida: “Por isso os réprobos, os hereges, os cismáticos que odeiam ou olham com desprezo a Santíssima Virgem, não têm Deus por pai, ainda que disto se gloriem, pois não têm Maria por mãe.” (Montfort, 2007, p. 22).

Montfort reconhece que a salvação é possível para o ser humano, todavia, afirma que esse caminho é difícil, pois exige humildade, esforço e fidelidade constantes, já que naturalmente o homem tende a se afastar de Deus. Para ele, o meio mais seguro e mais simples para alcançar a salvação não acontece de forma automática, mas por meio de uma vida ordenada e orientada para o bem, para a prática das virtudes e para a obediência à vontade de Deus. Montfort afirma que somente Maria é capaz de conduzir os filhos de Eva a uma vida mais próxima de Deus, que ele chama de “paraíso terrestre”, isto é, uma vida vivida com Deus e na sua presença ainda na terra, preparando o homem para a vida eterna. Isso se deve ao fato de que, segundo Montfort, apenas Maria encontrou plena graça diante de Deus, e o ser humano só poderá ser verdadeiramente bom se alcançar essa mesma graça, o que só ocorre por meio da união com Maria.

Para Montfort, Maria foi dada à humanidade como auxílio para todos aqueles que, reconhecendo sua fragilidade e sua dependência em Deus, desejam e buscam sinceramente e de coração puro a salvação. Tal perspectiva indica que Maria é apresentada como o exemplo mais puro de fidelidade a Deus, e como o caminho que deve ser seguido para tornar possível ao homem alcançar a salvação, conforme ele escreveu: “Nem creio que uma pessoa possa adquirir uma união íntima com Nosso Senhor e uma perfeita fidelidade ao Espírito Santo, sem uma grande união com a Santíssima Virgem e uma grande dependência de seu socorro” (Montfort, 2007, p. 28).

Segundo Montfort, o ser humano só consegue tornar-se verdadeiramente fiel e ficar longe das ilusões do mundo se ele viver “em Maria”, isto é, quando se “consagra” a ela sua vida espiritual, suas escolhas e seu caminho de fé. Para o autor, o mundo oferece inúmeras falsas promessas de felicidade, sucesso e realização pessoal que, muitas vezes, afastam o homem de Deus e o fazem acreditar que pode alcançar o bem por conta própria. Viver “em Maria”, portanto, significa permanecer protegido dessas ilusões, pois Maria conduz o fiel sempre para Cristo e para a vontade de Deus. Montfort entende que Maria exerce um papel fundamental na formação espiritual do cristão, pois é ela quem molda o Cristo no interior do fiel, assim como moldou Jesus em seu próprio ventre, conformando a vida do homem à vontade divina. Dessa forma, Maria não ocupa o lugar de Deus, mas atua como instrumento escolhido por ele para conduzir os homens ao verdadeiro caminho da fé, ajudando-os a crescer espiritualmente e a se afastar dos erros e enganos do mundo.

Por fim, Montfort sustenta que a verdadeira devoção mariana não desvia o homem de Deus, como alguns poderiam supor, mas, ao contrário, transforma profundamente o interior do fiel e o auxilia a adquirir virtudes cristãs, como a humildade, a obediência, a paciência e a caridade. A devoção, quando vivida de forma autêntica, aproxima o homem da verdade, fortalece sua fé e o conduz a uma vida moralmente reta. Dessa maneira, Montfort apresenta a devoção à Virgem Maria, não como um fim em si mesma, mas como um meio eficaz para conduzir o homem a Cristo, ajudando-o a abandonar os vícios, vencer as ilusões do mundo e caminhar com mais segurança em direção à salvação.

Voltaire e Montfort, apesar de estarem em lados opostos, pois Montfort é um religioso tradicional, que defende que a fé está acima de tudo, enquanto Voltaire é um filósofo iluminista, que preza pela razão antes da fé, reconhecem que o ser humano é frágil, sofre e vive em um mundo cheio de injustiças. Para ambos, o ser humano precisa de ajuda exterior. Porém, enquanto Voltaire critica Pangloss conduzindo Cândido com seu otimismo, Montfort exalta Maria como a guia perfeita para um homem essencialmente imperfeito. Enquanto para Montfort, a salvação da fragilidade humana está em uma ação sobrenatural disponível, para Voltaire, as pessoas boas que podem ajudar o ser-humano são outros humanos, mas cujo contexto social e histórico é definidor para encontrar ou não essas pessoas, não dependendo exclusivamente do livre-arbítrio humano como defende Montfort.

No seu livro, Voltaire, através do personagem Cândido, demonstra a fragilidade do ser humano. Cândido é um homem inocente, gentil e bondoso. Cândido também acreditou desde o princípio na filosofia de seu Mestre Pangloss, filosofia essa que Voltaire ironiza e critica. Para entender o ser humano, para Voltaire, basta observar a trajetória de Cândido. Já no início da obra, Cândido se apaixona e é expulso, por ser muito inocente é recrutado e assiste aos horrores da guerra, após um certo tempo é acusado junto de seu mestre, ainda depois é obrigado a assassinar pessoas além de outros acontecimentos. Voltaire nos deixa a entender que tudo o que aconteceu com Cândido foi por sua inocência, e por ter acreditado na filosofia de que estamos no “melhor dos mundos possíveis”. Diante disso, Voltaire propôs uma simples atitude, que “é preciso cultivar o nosso jardim”. Voltaire, na obra Cândido, quer dizer que o ser-humano não precisa entender completamente o mundo, mas trabalhar com o que está ao seu alcance. O homem, para Voltaire, não é definido por essências, mas por ações concretas.

Para Montfort, que parte de uma visão religiosa, o ser humano foi criado por Deus e para Deus, todavia está afastado dele por causa do pecado, orgulho e autossuficiência. Diferente do otimismo metafísico criticado por Voltaire, Montfort não nega o sofrimento. Ele reconhece a miséria e o sofrimento do homem, e acredita que, na verdade, este sofrimento é uma forma de se aproximar de Deus: “É preciso que todos os dias morramos para nós mesmos” (Montfort, 2007, p. 49).

No início da narrativa, na obra de Voltaire, o castelo do barão de Thunder-ten-Tronck é descrito como o “melhor dos castelos possíveis” e sua baronesa Cunegundes como a “melhor das baronesas possíveis”. Essa constante repetição da frase “o melhor possível” serve para revelar o tom irônico do autor. A suposta perfeição do castelo não passa de uma ilusão sustentada pelo Mestre Pangloss, que ensina aos residentes do castelo que “tudo está pelo melhor no melhor dos mundos possíveis”.

A crítica de Voltaire não se dirige a uma teoria, mas as pessoas que a adotam. Pangloss, que representa o otimismo metafísico, insiste em justificar todos os acontecimentos, desde guerras, doenças e injustiças como partes necessárias de um mundo perfeito. Após o terremoto de Lisboa, por exemplo, mesmo diante da destruição e do sofrimento, ele continua afirmando que os acontecimentos seguem conforme o esperado no “Melhor dos mundos possíveis”. Deste modo, Voltaire ironiza a tentativa de explicar o mal sem enfrentá-lo. Ao negar a existência de um cenário “ruim”, o otimismo extremo acaba produzindo alienação, ou seja, faz com que os outros acreditem cegamente que tudo é necessariamente o melhor e deixa de reconhecer a gravidade das injustiças e dos sofrimentos concretos.

Desse modo, a crítica ao “castelo perfeito” simboliza a crítica a uma visão de mundo que ignora a realidade. O castelo, que parecia extremamente seguro e ideal, é rapidamente destruído pelos acontecimentos que subsequentemente aparecem na

história, mostrando que a estabilidade proclamada pelo discurso otimista não resiste à realidade. Ao final da obra, Voltaire ressalta que, em vez de justificar o mal com sistemas filosóficos, o ser humano somente deve assumir as responsabilidades por suas ações e trabalhar no que está ao seu alcance.

Seguindo uma mesma lógica, Luís Maria Grignon de Montfort, no *Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem*, também realiza uma crítica, mas voltada para o campo espiritual. Montfort denuncia os chamados “falsos devotos”, que aparentam ter uma santidade no seu exterior, mas não vivem uma verdadeira conversão interior. Ele distingue diversas falsas devoções, como os críticos, escrupulosos, exteriores e presumidos. Os devotos “presumidos”, por exemplo, acreditam que são justos e estão seguros de sua salvação, mas permanecem presos ao pecado e ao amor-próprio.

Assim como Voltaire critica aqueles que seguem o otimismo de forma superficial e ingênua, Montfort critica aqueles que se dizem santos sem realmente viverem a humildade e obediência em Deus. Para ele, a verdadeira devoção exige transformação interior, mortificação e reconhecimento da própria miséria espiritual. A falsa devoção, ao contrário, gera orgulho espiritual, onde a pessoa age como se sempre estivesse com razão, se assemelhando a um estado de perfeição.

Portanto, embora pertençam a contextos e intenções diferentes, ambos realizam críticas semelhantes à falsa aparência de perfeição. Voltaire denuncia a ilusão de um mundo necessariamente perfeito, sustentada por discursos abstratos. Montfort denuncia a ilusão de uma santidade aparente, sustentada por práticas exteriores sem verdadeira conversão. Em ambos os casos, a crítica recai sobre a incoerência entre discurso e realidade. Enquanto Voltaire conclui propondo uma ação prática e responsável diante da vida, Montfort aponta para uma devoção autêntica, marcada pela humildade e entrega total a Deus.

Luís Maria Grignon de Montfort afirma, em sua espiritualidade, que Deus conduz a história segundo um desígnio providencial e amoroso. No *Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem*, ele demonstra que é necessário ter profunda confiança na ação de Deus ao longo do tempo, especialmente por meio de Maria. Para Montfort, nada acontece fora do olhar e da permissão divina. A própria missão de Maria na história da salvação revela que Deus age de maneira ordenada e intencional. Ele afirma que “foi por meio da Santíssima Virgem Maria que Jesus Cristo veio ao mundo, e é também por meio dela que deve reinar no mundo” (Montfort, 2007 p. 1). Essa afirmação mostra que, para ele, a história não é um conjunto de acontecimentos aleatórios, mas um processo conduzido por Deus rumo ao triunfo de Cristo.

Além disso, Montfort acredita que Deus prepara, ao longo da história, homens e mulheres que cooperam com seu plano. Ele fala dos “apóstolos dos últimos tempos”, almas escolhidas para renovar a Igreja e combater o mal (Montfort, 2007, pg. 58–59). Essa perspectiva reforça sua visão teleológica da história: há um propósito, há uma direção e há uma meta final. Mesmo diante das crises e corrupções do mundo, Montfort mantém a certeza de que Deus conduz tudo para um bem maior, ainda que esse bem nem sempre seja imediatamente visível aos olhos humanos.

Em contraste, Voltaire, em *Cândido ou o Otimismo*, zomba de um otimismo teológico que tenta justificar todos os acontecimentos como necessariamente bons ou necessários dentro de um plano divino perfeito. Por meio da figura de Pangloss, ele ironiza a ideia de que vivemos “no melhor dos mundos possíveis”. Pangloss insiste que tudo ocorre da melhor maneira possível, mesmo quando confrontado com guerras, injustiças e desastres naturais, ou até mesmo doenças.

Ao apresentar tragédias reais e sofrimentos extremos, Voltaire expõe o absurdo de justificar racionalmente o mal como parte necessária de uma harmonia universal. Sua crítica não é apenas filosófica, mas também teológica: ele questiona a ideia de que um Deus bom e justo organizaria o mundo de modo que todo sofrimento fosse inevitavelmente o melhor resultado possível. Assim, o otimismo teológico aparece como uma postura ingênua, e até cruel, pois, ao explicar o mal como necessário, corre o risco de minimizar a dor concreta das vítimas.

Montfort afirma a providência divina e enxerga a história como guiada por um propósito salvífico, sua confiança não elimina o sofrimento, mas o insere dentro de um plano maior de redenção. Já Voltaire critica e ironiza qualquer sistema que, em nome de uma suposta perfeição divina, pretenda justificar todos os males como necessários. Enquanto Montfort convida à confiança na ação de Deus na história, Voltaire alerta contra o perigo de transformar essa confiança em um otimismo cego que ignora a realidade do sofrimento humano.

Voltaire também faz uma crítica forte à religião em *Cândido ou o Otimismo*. Ao longo da obra, ele apresenta diversas situações em que autoridades religiosas agem de maneira hipócrita, cruel ou interesseira. Um exemplo marcante é a cena do auto de fé após o terremoto de Lisboa, quando Pangloss é condenado e enforcado pela Inquisição, supostamente para evitar novos desastres. Nessa parte, Voltaire ironiza a ideia de que punições religiosas poderiam “acalmar” a ira de Deus, evidenciando o absurdo dessa justificativa.

Para ele, esse tipo de atitude revela o abuso de poder e a instrumentalização da fé. A religião, que deveria consolar e orientar espiritualmente, aparece como mecanismo de controle social. Além disso, Voltaire critica o modo como argumentos religiosos são utilizados para justificar violência e mortes, como se atos cruéis pudessem ser legitimados em nome de Deus. Assim, sua crítica não é apenas à fé em si, mas, principalmente, às instituições e às autoridades que distorcem a religião para manter poder, disseminar medo e sustentar práticas injustas.

Além disso, vários personagens religiosos na obra não vivem aquilo que pregam, como o frade que leva uma vida imoral (Voltaire, cap. XI). Com isso, Voltaire parece criticar não apenas indivíduos específicos, mas também uma estrutura religiosa que, segundo ele, pode se corromper facilmente. A morte de Pangloss simboliza justamente esse exagero de que a religião, quando mal utilizada, pode justificar injustiças em nome de Deus. Já para São Luís Maria Grignon de Montfort, o problema não está na verdadeira fé, mas na má fé humana. No *Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem*, ele critica os “falsos devotos”, ou seja, aqueles que usam a religião apenas como aparência ou interesse pessoal. Para Montfort, a religião em si é boa e conduz à salvação; o erro está nas pessoas que a vivem de forma superficial ou hipócrita. Ele deixa claro que a verdadeira devoção transforma o coração e leva à humildade e à obediência a Deus.

Assim, enquanto Voltaire tende a enxergar a religião institucional como fonte de ingenuidade e abuso de poder, Montfort defende que o problema não é a fé verdadeira, mas o uso errado que o ser humano faz dela. A diferença principal entre os dois está nisso: Voltaire critica a religião como sistema que pode oprimir. Montfort critica o ser humano que corrompe a religião por causa do orgulho e da má intenção.

Também, em *Cândido ou o Otimismo*, Voltaire apresenta uma outra visão extremamente crítica da condição humana. Ao longo da narrativa, ele expõe a frieza, egocentrismo e a indiferença que marcam as relações interpessoais. As sucessivas tragédias servem para demonstrar o mundo em que vivemos, onde o sofrimento parece acontecer ao acaso, sem propósito claro. A vida, para Voltaire, revela-se como

algo submetido a má sorte e a um destino incerto, no qual o ser humano não encontra garantias metafísicas de justiça ou recompensa.

Essa percepção, que faz com que Voltaire tanto critique o otimismo defendido por Pangloss, e questiona a ideia de que tudo ocorre para o melhor. Diante disso, Voltaire propõe uma atitude prática: já que não é possível compreender plenamente os desígnios do mundo, devemos agir com a responsabilidade de “cultivar o nosso jardim”, ou seja, assumir uma postura ativa e realista a respeito da existência humana.

Em um contraste com Voltaire, Luís Montfort oferece uma resposta espiritual a fragilidade apontada por Voltaire. Em sua obra *O Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem Maria*, ele reconhece igualmente a miséria de todos os homens, mas não a atribui ao acaso, sorte ou má sorte. Para Montfort, o problema central é a falta da entrega de coração a Deus, especialmente por meio da devoção a Maria.

Enquanto Voltaire percebe a vida como marcada pela incerteza e o sofrimento inevitável, Montfort entende que o coração humano só está desordenado porque não vive a caridade plena e a verdadeira consagração a Deus. A frieza do homem não seria resultado de circunstâncias, mas de ausência de amor e abandono confiante. Assim, a mediação em Maria e a prática da caridade aparecem, em Montfort, como caminho de restauração interior: por meio dela, o coração é transformado, purificado do egoísmo e reconduzido a Deus.

Considerações finais

Voltaire acredita que o homem deve aceitar seus limites e agir de forma prática, sem tentar explicar tudo por meio da religião — por isso termina *Cândido* dizendo que é preciso “cultivar o nosso jardim”. Já Montfort acredita que o homem só encontra sentido verdadeiro quando reconhece que depende de Deus. Assim, enquanto um confia mais na ação humana concreta, o outro coloca a confiança principal na fé e na providência divina.

Montfort é essencialista e segue Santo Agostinho quando entende que o ser humano é uma criatura de Deus, com uma alma espiritual, que busca o bem e a verdade. Por isso, Montfort propõe um caminho, ou método religioso, para essa realização. Já Voltaire é iluminista, entende que o ser humano é um ser natural inserido no universo que tem uma razão frágil, constantemente dominada por paixão, ignorância e superstição, com tendência para o fanatismo, intolerância e violência. Por isso, ele entende que o caminho para o aperfeiçoamento não é religioso, mas pela ciência e educação para a tolerância.

A análise comparativa entre Voltaire e Luís Maria Grignon de Montfort evidencia duas formas profundamente distintas de compreender a condição humana no contexto do século XVIII francês. Enquanto Voltaire rejeita explicações metafísicas totalizantes e critica o otimismo filosófico, propondo uma ética baseada na ação concreta e na responsabilidade individual, Montfort constrói uma visão teológica fundamentada na dependência do ser humano em relação à graça divina. Essas diferenças refletem, não apenas divergências filosóficas, mas também respostas distintas às transformações sociais, políticas e religiosas que marcaram o período.

Apesar das divergências, ambos os autores convergem ao reconhecer a fragilidade do ser humano diante do sofrimento, das injustiças e das incertezas da existência. Voltaire enfatiza a incapacidade de compreender plenamente o sentido do mundo, defendendo que o homem deve agir dentro de seus limites e buscar soluções práticas para a vida cotidiana. Montfort, por sua vez, interpreta essa mesma fragilidade como sinal da necessidade de submissão a Deus, propondo a devoção como caminho de restauração espiritual e de orientação moral. Assim, cada autor oferece uma

resposta distinta à mesma problemática: como viver diante da dor e da instabilidade da vida.

A permanência desse debate pode ser observada em diversos desafios contemporâneos. Em sociedades marcadas pela pluralidade de crenças e visões de mundo, continuam presentes questionamentos sobre os limites da razão humana, o papel da religião na esfera pública e as diferentes formas pelas quais os indivíduos atribuem sentido ao sofrimento e à existência. Nesse contexto, a oposição entre Voltaire e Montfort não deve ser compreendida apenas como um confronto histórico entre Iluminismo e tradição católica, mas como a expressão de uma tensão permanente entre duas formas de compreender a condição humana: uma que enfatiza a autonomia, a experiência e a ação racional, e outra que destaca a transcendência, a dependência de Deus e a dimensão espiritual da existência. Como observam autores contemporâneos como Charles Taylor e Zygmunt Bauman, a modernidade não eliminou a busca por significado, mas multiplicou as possibilidades de resposta a essa busca. Desse modo, o diálogo entre Voltaire e Montfort permanece relevante por iluminar questões que continuam a desafiar indivíduos e sociedades no século XXI.

Por fim, o estudo demonstra que o debate entre razão e fé, representado por Voltaire e Montfort, permanece relevante para a compreensão contemporânea da condição humana. A tensão entre autonomia e dependência, ação prática e transcendência continua a marcar reflexões filosóficas e religiosas atuais. Dessa forma, a análise desses dois pensadores não apenas ilumina o século XVIII, mas também contribui para reflexões mais amplas sobre os limites da razão, o papel da religião e as possibilidades de construção de sentido na experiência humana.

Referências

AGOSTINHO, Santo. **Sobre o livre-arbítrio**. Tradução de Bernardo G. Dos Santos L. Brandão. Petrópolis: Vozes, 2021.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRANDÃO, H.; VEIGA, F.; BRANDÃO, L.; ZUMBA, G. Religiosidade na pós-modernidade: uma análise integrada das perspectivas psicanalítica e filosófica.

Revista Encontros Teológicos, [S. l.], v. 40, n. 3, 2025. DOI:

10.46525/ret.v40i3.1972. Disponível em:

<https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/1972>. Acesso em: 21 de março de 2026.

JOÃO PAULO II. **Rosarium Virginis Mariae**. Vaticano, 2002. Disponível em:

<https://www.vatican.va>. Acesso em: 21 de março de 2026.

LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. **Ensaio de teodiceia: sobre a bondade de Deus, a liberdade do homem e a origem do mal**. Tradução de Celi Hirata. São Paulo: Martins Fontes, 2023.

MONTFORT, São Luís Maria Grignon de. **Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem**. Trad. Pe. F. J. Oliveira. 17. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

PRADO, Ediano Dionisio do. Idealização e empirismo: Platão e Aristóteles – dois precursores controversos da Ciência Política. **Revista Sítio Novo**, Palmas, v. 4, n. 4, p. 188–201, 2020. DOI: 10.47236/2594-7036.2020.v4.i4.188-201p. Disponível em:

<https://sitionovo.ifto.edu.br/index.php/sitionovo/article/view/688>. Acesso em: 1 jun. 2026.

TAYLOR, Charles. Uma era secular. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2010.

VOLTAIRE. **Cândido**, ou o otimismo. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Editora Escala, 2003.

Informações complementares

Descrição		Declaração
Financiamento		Pesquisa de Iniciação Científica desenvolvida no Instituto Federal de Goiás com bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.
Aprovação ética		Não se aplica.
Conflito de interesses		Não há.
Disponibilidade dos dados de pesquisa subjacentes		O trabalho não é um <i>preprint</i> e os conteúdos subjacentes ao texto do artigo já estão disponíveis.
Uso de Inteligência Artificial		Não há.
CrediT	João Oliveira Ramos Neto	Funções: Responsabilidade de supervisão e liderança pelo planejamento e execução das atividades de pesquisa, incluindo orientação externa à equipe principal. Desenvolvimento ou desenho de metodologia; criação de modelos. Preparação, criação e/ou apresentação do trabalho publicado, especificamente visualização/apresentação de dados.
	Thyago Ferreira da Costa	Funções: ideias; formulação ou evolução de objetivos e metas abrangentes de pesquisa. preparação, criação e/ou apresentação do trabalho publicado, especificamente redação do rascunho inicial (incluindo tradução substantiva).

Avaliadores: Dra. Marcia Guerra Pereira* (Instituto Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Brasil) e Dra. Renata Cristina Lopes Andrade** (Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande do Norte, Brasil).

Revisora do texto em português: Elkerlane Martins de Araújo.

Revisora do texto em inglês: Elkerlane Martins de Araújo.

Revisora do texto em espanhol: Graziani França Claudino de Anicézio.

Como citar (ABNT):

NETO, João Oliveira Ramos; COSTA, Thyago Ferreira da. A condição humana no século XVIII: uma análise comparativa entre Voltaire e Luís Maria Grignon de Monfort. **Revista Sítio Novo**, Palmas, v. 10, p. e2109, 2026. DOI: 10.47236/2594-7036.2026.v10.2109. Disponível em: <https://sitionovo.ifto.edu.br/index.php/sitionovo/article/view/2109>.

* Optou pela avaliação fechada e autorizou somente a divulgação da identidade como avaliadora no trabalho publicado.

** Optou pela avaliação aberta e autorizou somente a divulgação da identidade como avaliadora no trabalho publicado. Todavia, os autores não concordaram em interagir diretamente com pareceristas.